

Tribo liderada por mulher busca reconhecimento

CLÁUDIO RIBEIRO
DA EDITORIA DE CIDADES

Em Aquiraz, na localidade de Trairussu, a 40 quilômetros de Fortaleza, vivem 31 famílias da tribo dos índios Genipapo-Canindé. A

aldeia passou anos isolada do resto da cidade. Mesmo os pesquisadores não a procuravam. Somente no início da década de 80, foi inserida em um estudo elaborado pela Universidade Estadual do Ceará (UECe), que teve a participação de técnicos do então Governo alemão-ocidental. Liderados pela cacique Maria de Lourdes da Conceição Alves, 50, conhecida como "Pequena", partem agora em busca de reconhecimento.

A Fundação Nacional do Índio (Funai) ainda não realizou estudos sobre a população da tribo. Em março último, a cacique esteve em Brasília, onde participou de um encontro de líderes indígenas de várias partes do Brasil. O Presidente do órgão, Márcio Santilli, foi à reunião e, na época, ouviu a reivindicação dos genipapo-canindés, pessoalmente. O número exato de membros ainda vivendo na aldeia é de aproximadamente 160. "Mas, se considerarmos quem mora fora, chegamos a mais de 500", diz "Pequena".



Nem mesmo o grupo sabe o tamanho exato do território que lhes pertence. Acreditam que uma possível demarcação envolveria trechos da lagoa do Tapuio e riacho da Encantada, numa área em fronteira com as praias do Batoque, Barro Preto e Iguape. "Muita coisa já foi especulada pelas imobiliárias, mas ainda há uma boa parte sem ter sido explorada", diz Maria Zuleide Freire, líder comunitária em Trairussu.

"Houve uma seca grande e nossos bisavós e tataravós vieram para cá", conta a cacique "Pequena". Até hoje, pesquisas e membros da aldeia não têm certeza sobre a origem do nome cenipapo-canindé. "Éramos conhecidos como paiacus e também cabeludos da Encantada", explica a líder. A existência de um fruto na região da aldeia, semelhante ao jenipapo, e a antiga localização podem ter gerado a denominação atual.

"Queremos garantir a terra, que é nossa de direito", afirma a líder. O discurso é apoiado por outros índios. Em Aquiraz, o único reconhecimento oficial da aldeia parte do Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável (CMDS), órgão multidisciplinar que sugere diretrizes para questões ambientais da cidade. "Vamos apresentar um documento na Assembléia de Lideranças Indígenas do Estado", confirma Paulo Renan Cavalcante, do CMDS. O encontro acontecerá nas próximas quinta e sexta-feira (26 e 27), em Santo Antônio do Pitaguari, Maracanaú.

FORTALEZA-CE
TERÇA-FEIRA, 24/OUTUBRO/1995

O POVO/CIDADES

1995

Estrada tirou a aldeia do isolamento

Até a construção de uma estrada carroçável, três anos atrás, os índios genipapo-canindés viviam praticamente isolados de traços de civilização. Necessidades de mantimentos, alfabetização ou serviços de saúde eram atendidos pela localidade de Trairussu. Às vezes, até mais longe, em Iguape. A distância da sede do município de Aquiraz ainda causa baixa escolaridade. Nos problemas de saúde, preferem recorrer à horta medicinal cultivada com o apoio da Ematerce.

A cacique Maria de Lurdes "Pequena" lembra que, somente em 1993, participou de uma reunião de lideranças indígenas do Ceará. "Foi na praça José de Alencar, em Fortaleza. Eu fui só para assistir, apenas como convidada" _ conta. Ela é a primeira mulher, da qual se tem informações, a liderar a tribo. "Eu preferiria que tivesse sido escolhido um homem" _ não hesita em afirmar.

O grupo preserva poucas tradições que façam lembrar uma população indígena. Foram mantidas algumas habilidades como a confecção de redes de pesca (tarrafas), o domínio na agricultura ou a fabricação do mocororó, uma bebida alcoólica obtida apenas com a polpa do caju. Do antigo idioma falado pelos antepassados, não sabem de mais nada. "Era o tupi-guarani. Falava-se bem arrastado" _ descreve a cacique. "Pequena" cita, com um pouco de vergonha, o episódio em que foi convidada pelo padre de Aquiraz para fazer uma apresentação na cidade. "Ele pediu que fosse falada em tupi-guarani e eu não sabia".

"A única referência que ainda existe é a da própria etnia" _ confirma Lourdes Luz, da Pastoral Indigenista. Refere-se aos traços físicos: lábios grandes, olhos puxados, pele morena e pequena estatura. Além do estudo elaborado pela UECe em 1983, outro projeto quer desvendar a história dos genipapocanindés. O plano já foi apresentado por estudantes do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. A coordenação será da professora Sílvia Porto Alegre. Num dos folclores da tribo, Lourdes Luz revela uma invasão à então Capital cearense, Aquiraz, feita pelos índios da região. O ano em que teria ocorrido o fato é desconhecido.



Maria do Carmo Silva Pereira descasca mandioca para a farinha

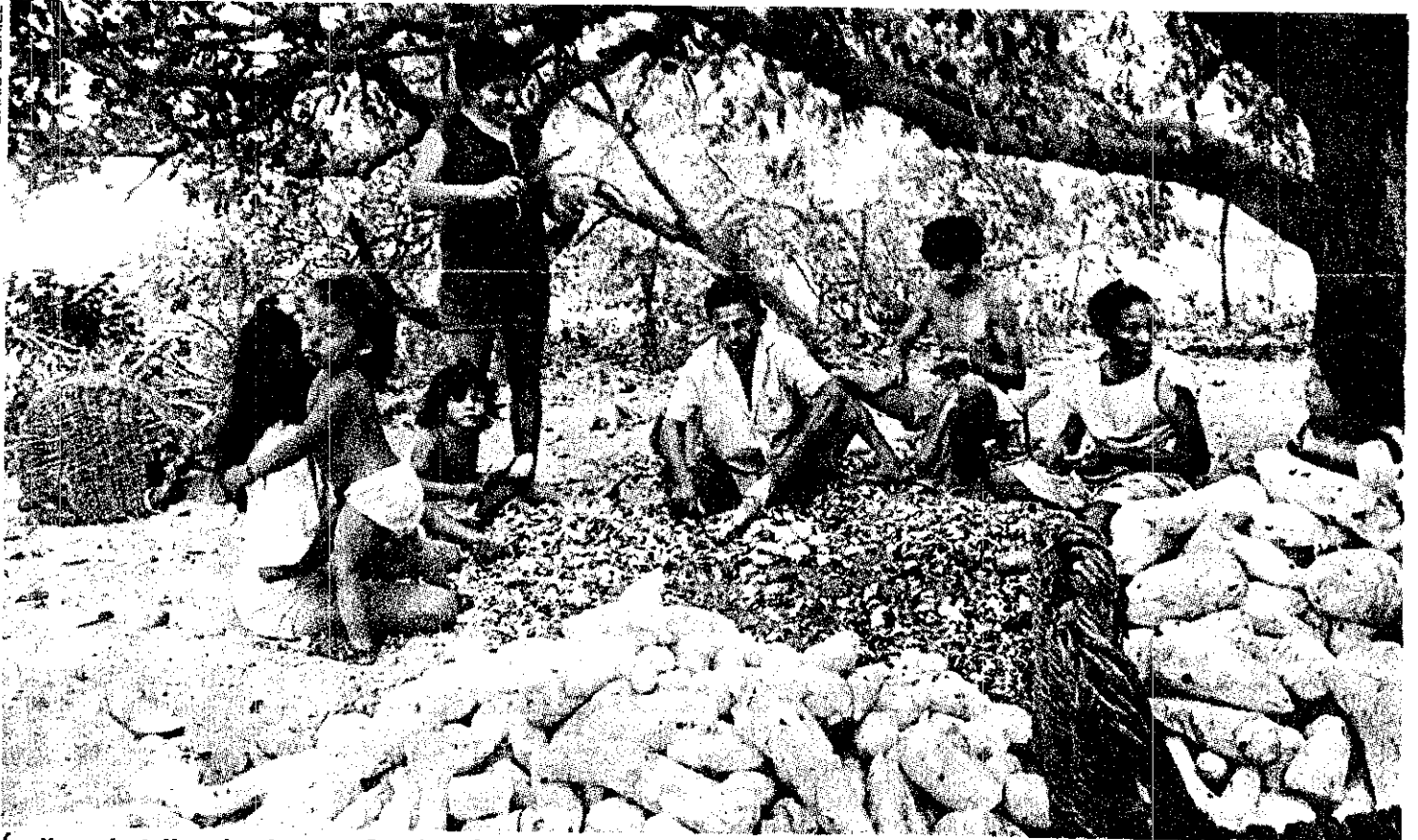
Guerreira labuta aos 70 anos

Em história contada por livros indianistas do início deste século, Maria do Carmo Silva Pereira poderia ser descrita, por sua trajetória, como uma índia guerreira. Chegou aos 70 anos com apenas uma filha na prole, coisa rara em mulher da tribo dos genipapocanindés. Mas batalha diariamente contra uma rotina estafante de trabalho. Descasca mandiocas para produção de farinha, desenha rendas no método tradicional de manuseio dos bilros, cata espinhos de mandacaru no mato tinoso, colhe cajus e castanhas. E ainda é parceira. "Já fiz mais de 40 partos" _

garante.

Do Carmo, como é chamada, nem sabe quanto ganha em um mês. "Acho que dá mais de 100 reais" _ especula. Índia nascida e criada na região de Trairussu, em Aquiraz, ela é viúva do antigo cacique Teodorico Mateus Pereira, morto há pouco mais de três anos. A filha lhe deu 10 netos. O mundo, calos nas mãos, vitalidade e um sorriso de poucos dentes. Na casa de farinha, onde rala as mandiocas, é tida como uma das melhores. Mas não liga muito para o elogio, assumindo a sisudez de todo índio.

DÁRIO GABRIEL



Índios da tribo Jenipapo-Canindés, em Aquiraz, descascam mandioca para a produção de farinha

Fortaleza-CE, terça-feira, 24 de outubro de 1995 ANO LXVIII -

O POVO/POLÍTICA

25/10/95

FOTOS: DÁRIO GABRIEL



Índios jenipapo-canindés não sabem ao certo a origem do nome da tribo e o tamanho do território que lhes pertence em Aquiraz

1E / FORTALEZA-CE
TERÇA-FEIRA, 24/OUTUBRO/1995

O POVO

Mulher chefia tribo em Aquiraz

Desconhecida até o início da década de 80, a tribo Jenipapo-Canindés, no município de Aquiraz, reivindica o reconhecimento como

indígena pela Funai. Curiosamente, pode ser a única tribo das Américas chefiada por uma mulher, Maria de Lourdes da Conceição Alves, a “Pe-

quena”, 50 anos. Se a reserva for demarcada, pode alcançar praias a exemplo de Batoque, Barro Preto e Iguape. 1E



Agricultura de subsistência é uma atividade



Crianças da tribo brincam em casa de palha

FORTALEZA-CEARÁ
TERÇA-FEIRA, 24/OUTUBRO/1995

O POVO



Maria de Lourdes “pequena” é a cacique